

TECNOLOGIAS, DESINFORMAÇÃO E KAFKA NA ERA DIGITAL**TECHNOLOGIES, DISINFORMATION AND KAFKA IN THE DIGITAL AGE**[10.29073/e3.v11i1.1005](https://doi.org/10.29073/e3.v11i1.1005)

Receção: 02/06/2025. Aprovação: 16/06/2025. Publicação: 29/06/2025

Marcelo Teixeira  ¹;¹ Universidade de Pernambuco, Brasil, marcelo.mendoncateixeira@upe.br;**RESUMO**

A manipulação da opinião pública no Brasil tem sido intensificada pelo uso de deepfakes e social bots, tecnologias que distorcem informações e influenciam processos eleitorais, gerando desconfiança nas instituições democráticas. Inspirado nas metáforas das obras de Kafka, como "O Processo" e "A Metamorfose", o fenômeno revela uma sociedade alienada e vulnerável a sistemas invisíveis de controle informacional. A apropriação política de valores religiosos e moralistas reforça discursos polarizadores e autoritários, aprofundando a crise democrática. Este estudo qualitativo e empírico descrito, baseado em uma investigação exploratória, analisa o impacto dessas tecnologias na cultura política brasileira, com foco nas eleições de 2018 e 2022, propondo estratégias para mitigar seus efeitos e fortalecer a democracia digital no país para as eleições de 2026.

Palavras-Chave: Social bots, Deepfakes, Fake news, Kafka, Desinformação.

ABSTRACT

The manipulation of public opinion in Brazil has been intensified using deepfakes and social bots, technologies that distort information and influence electoral processes, generating distrust in democratic institutions. Inspired by the metaphors in Kafka's works, such as The Trial and The Metamorphosis, this phenomenon reveals a society alienated and vulnerable to invisible systems of informational control. The political appropriation of religious and moral values reinforces polarization and authoritarian discourses, deepening the democratic crisis. This qualitative and empirical study, based on exploratory investigation, analyzes the impact of these technologies on Brazilian political culture, focusing on the 2018 and 2022 elections, and proposes strategies to mitigate their effects and strengthen digital democracy in the country for the 2026 elections.

Keywords: Social bots, Deepfakes, Fake news, Kafka, Disinformation.

1. INTRODUÇÃO

A manipulação do conhecimento é um fenômeno que tem influenciado a formação de opiniões e decisões políticas ao longo da história. Desde os primórdios da imprensa, a disseminação seletiva ou distorcida de informações tem sido uma ferramenta poderosa para moldar percepções públicas e decisões governamentais. No século XIX, a manipulação midiática se manifestou em diversos contextos, mas foi com o avanço da imprensa que essa prática ganhou novas dimensões, explicam Nascimento, Teixeira e Aquino (2018). O poder da mídia para criar e disseminar narrativas tem sido um fator crucial na formação da opinião pública e na dinâmica política global. A capacidade de manipular a informação é uma constante na política e na mídia, adaptando-se às mudanças tecnológicas e sociais.

No contexto brasileiro contemporâneo, a manipulação da religião, de um falso moralismo e de um conservadorismo extremado passou a ocupar um papel central na construção de discursos que

influenciam negativamente à opinião pública. À instrumentalização de valores religiosos e morais tem sido utilizada como ferramenta para legitimar discursos políticos polarizadores, baseados não em propostas concretas de resolução dos problemas sociais, mas em pautas identitárias que dividem a sociedade e reforçam o preconceito e à intolerância. O conservadorismo, nesse contexto, deixou de ser apenas uma posição política tradicionalista para se transformar em um dispositivo de manipulação que alimenta o delírio de setores significativos da população, levando-os a crer que soluções autoritárias, como o golpe e à intervenção militar, seriam capazes de resolver os eternos problemas sociais do país.

Esse cenário de manipulação e opressão remete à obra "O Processo", de Franz Kafka, na qual o protagonista, Josef K., é acusado e julgado por um sistema burocrático opaco, sem jamais compreender claramente as acusações ou o funcionamento do processo ao qual é submetido. A narrativa kafkiana evidencia a sensação de impotência diante de forças invisíveis e despersonalizadas, uma metáfora potente para os sistemas contemporâneos de manipulação da informação. Assim como Josef K. é manipulado por uma estrutura incompreensível que controla sua vida, o cidadão moderno encontra-se frequentemente à mercê de algoritmos, *social bots* e *deepfakes* que moldam a percepção pública sem que se compreenda plenamente os mecanismos de sua atuação. À influência kafkiana ajuda a compreender como a manipulação da informação produz alienação e desorientação, gerando uma sociedade vulnerável ao controle sutil e invisível.

Ainda, esse processo de alienação foi intensificado pela apropriação política da religião, promovendo-se uma leitura dogmática e parcial de valores religiosos para sustentar uma visão de mundo maniqueísta, onde opositores são sistematicamente demonizados. O falso moralismo, por sua vez, serve como instrumento para mascarar práticas autoritárias e repressivas sob o verniz de uma suposta defesa da "família", da "moral" e "dos bons costumes". Assim, valores religiosos que, em sua essência, pregam a solidariedade e a compaixão, são distorcidos para justificar à exclusão social, a negação de direitos e até à apologia de soluções violentas e antidemocráticas.

Por outro lado, os *social bots* surgiram com o crescimento das redes sociais no início dos anos 2010 e representam uma forma avançada de manipulação digital. Esses *bots* são programas automatizados projetados para simular comportamentos humanos, como postar, retuitar e comentar, a fim de influenciar discussões e disseminar desinformação (Collett, 2017). O impacto dos *social bots* foi amplamente documentado durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, quando foram utilizados para manipular debates políticos e propagar notícias falsas, evidenciando o potencial desses sistemas para alterar à opinião pública e influenciar processos eleitorais (Baylis, 2018). A utilização de *social bots* pode levar a uma erosão da confiança nas plataformas digitais e nas informações que circulam nelas, exemplo do que ocorre na Rede Social X.

De forma complementar, Kafka, em "A Metamorfose", narra a transformação repentina de Gregor Samsa em um inseto, evento que gera sua exclusão e incompreensão por parte da sociedade e da própria família. Essa obra simboliza a perda de identidade e o isolamento diante de uma transformação incontrolável e inesperada. De maneira análoga, o cidadão contemporâneo enfrenta um ambiente informacional radicalmente alterado pela ação de tecnologias como os *social bots* e as *deepfakes*, transformando-se em alguém vulnerável, marginalizado na sua capacidade de discernir o verdadeiro do falso. A metáfora da metamorfose kafkiana reflete, deste modo, o processo pelo qual indivíduos e coletividades são metamorfoseados involuntariamente pela ação

dessas tecnologias, muitas vezes sem perceberem que estão sendo manipulados. Ou seja, o homem não é um ser unificado e racional, mas sim fragmentado e passional, influenciado por forças que escapam ao seu controle, explicam Schopenhauer e Ludwig (1818; 2016) na célebre obra “Die Welt als Wille und Vorstellung”.

Ao mesmo tempo, surgem as *deepfakes*, que se caracterizam como uma tecnologia emergente que utiliza inteligência artificial para criar conteúdo audiovisual altamente realista, mas falso. Desenvolvida em 2017, a tecnologia de *deepfakes* tem mostrado um potencial significativo para enganar o público e manipular informações (Choi, 2021). No Brasil, o uso de *deepfakes* tem levantado preocupações sobre a integridade dos processos eleitorais e a confiança nas instituições democráticas. A possibilidade de criar vídeos e áudios falsos (simulacros de uma suposta realidade) que parecem autênticos pode comprometer seriamente a percepção pública da realidade e influenciar negativamente a sua opinião (Souza, 2022). Durante as campanhas eleitorais, a disseminação de *deepfakes* pode ser usada para difundir desinformação e manipular eleitores, apresentando um desafio crescente para a verificação da informação e a manutenção da integridade democrática.

Desde as eleições presidenciais de 2018 no Brasil, onde houve um aumento significativo no uso de tecnologias de manipulação digital, o impacto dos *deepfakes* se tornou um tema central de discussão. Durante esse período, a proliferação de conteúdo falso e manipulativo começou a ser observada com maior frequência, alimentando a desinformação e confundindo os eleitores. A possibilidade de criar representações visuais e auditivas realistas que são, na verdade, fabricadas, representa um desafio sem precedentes para a verificação da informação e para a preservação da integridade democrática (ibidem). Um exemplo significativo foi observado nas campanhas eleitorais de 2022, quando surgiram vídeos falsos, produzidos com *deepfakes*, que circulavam amplamente nas redes sociais. Esses vídeos, projetados para enganar os eleitores, apresentavam declarações falsas atribuídas a candidatos e figuras públicas, com o objetivo de manipular a percepção pública e influenciar o resultado das eleições. O impacto desses vídeos foi amplificado pela rapidez com que eles se espalharam através das plataformas digitais, destacando a dificuldade das autoridades em monitorar e controlar a desinformação, como afirmam Nascimento, Teixeira e Aquino (2018).

Nesse contexto, a narrativa de Kafka em "O Processo" ganha ainda mais atualidade, pois evidencia como a manipulação invisível e à opressão exercidas por sistemas burocráticos e tecnológicos podem gerar uma profunda crise de confiança e de identidade. A sensação de estar sendo julgado ou manipulado por forças que não se compreendem plenamente é um elemento central tanto na literatura kafkiana quanto na realidade contemporânea das redes sociais e das tecnologias de desinformação. A utilização de *deepfakes* para fins de desinformação pode ter consequências graves para a democracia, pois pode subverter o processo eleitoral e corroer a confiança nas instituições que são fundamentais para o funcionamento da sociedade. A desinformação gerada por *deepfakes* pode levar a uma polarização ainda maior, desviar o foco dos debates políticos substanciais e enfraquecer o diálogo democrático. Em um cenário onde a confiança nas fontes de informação já é frágil, a inserção de *deepfakes* exacerba a crise de credibilidade e ameaça à estabilidade democrática.

Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa visa compreender como *deepfakes* e *social bots* são utilizados para manipular a opinião pública brasileira e suas implicações para a integridade

dos processos eleitorais e a confiança nas instituições democráticas. Para tanto, o estudo se norteia pela seguinte pergunta de investigação: *“De que forma a cultura política brasileira é impactada pela integração de tecnologias de desinformação, resultando em dinâmicas sociais que evocam a metáfora da sociedade de Kafka?”*.

2. METODOLOGIA

Como se faz notório, no presente trabalho, buscou-se responder à pergunta de pesquisa: *“De que forma a cultura política brasileira é impactada pela integração de tecnologias de desinformação, resultando em dinâmicas sociais que evocam a metáfora da sociedade de Kafka?”*. Para tal, foi adotada uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada em evidências empírico-descriptivas, baseadas na revisão integrativa e na análise de estudos de caso como métodos de investigação científica, orientando-se por um estudo comparativo. A escolha metodológica fundamenta-se na necessidade de compreender, de modo aprofundado, os impactos socioculturais e políticos associados à integração de tecnologias de desinformação, especialmente *social bots* e *deepfakes*, no contexto da cultura política brasileira. Nesse sentido, foram elaboradas *strings* de pesquisa específicas, aplicadas nos repositórios virtuais da biblioteca da IEEE e da Studio Books Library, no segundo semestre de 2025, visando identificar produções científicas e relatos técnicos pertinentes. As *strings* de pesquisa foram estruturadas para abranger temas relacionados à manipulação informacional nas redes sociais digitais, com foco na atuação de *social bots*, *fake news* e na disseminação de *deepfakes*, particularmente no contexto de processos eleitorais brasileiros (em específico, não foram encontradas obras sobre essa correlação – *social boots*, *fake news* e Franz Kafka, sendo um tema que sugere ineditismo).

Como critérios de exclusão, desconsideraram-se estudos que tratam exclusivamente de outras formas de manipulação informacional não mediadas por inteligência artificial, como rumores espontâneos ou boatos tradicionais, bem como abordagens que focam em tecnologias correlatas, mas não centrais ao escopo desta pesquisa, como algoritmos de recomendação. Em justaposição, o processo investigativo possibilitou uma análise minuciosa das práticas, funcionalidades e tendências associadas ao uso de *social bots* e *deepfakes* na manipulação da opinião pública, com especial atenção para os impactos observados nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 e 2022. A análise comparativa desses casos emblemáticos foi orientada pela correlação entre os fenômenos empíricos estudados e os conceitos literários presentes nas obras *"O Processo"* e *"A Metamorfose"*, de Franz Kafka, permitindo aprofundar a compreensão sobre como as dinâmicas sociais brasileiras evocam elementos característicos da metáfora da sociedade de Kafka.

Como resultado, esta metodologia possibilitou a construção de um panorama contemporâneo sobre os contributos e as limitações das ferramentas tecnológicas de manipulação informacional para o processo democrático brasileiro, bem como sobre suas repercussões na confiança institucional e na percepção pública da realidade. Além disso, os achados obtidos fundamentaram a elaboração de uma proposta de projeção para as eleições presidenciais de 2026, estimando possíveis cenários de utilização dessas tecnologias e sugerindo estratégias para a mitigação de seus efeitos, visando ao fortalecimento da integridade eleitoral e da democracia digital no Brasil.

3. RESULTADOS

3.1. DOS SOCIAL BOTS AS DEEPFAKES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

O avanço tecnológico nas últimas décadas impactou profundamente a comunicação, a política e o modo como o conhecimento é disseminado. Entre os fenômenos mais preocupantes que emergiram no cenário digital estão os *social bots* e os *deepfakes*, tecnologias que vêm desempenhando um papel cada vez mais influente na manipulação da opinião pública e na distorção da realidade política. Para compreender a extensão desses impactos, é fundamental analisar o surgimento, desenvolvimento e as implicações dessas tecnologias, especialmente no contexto brasileiro, onde se observa uma intensificação do uso de bots em campanhas eleitorais e um aumento na utilização de *deepfakes* para fins desinformativos.

Nesse contexto, os *social bots* surgiram no início dos anos 2010 com o crescimento exponencial das redes sociais, como Twitter e Facebook. Eles são, essencialmente, contas automatizadas que simulam interações humanas e desempenham atividades repetitivas em grande escala, como curtir, compartilhar ou comentar posts, com o objetivo de influenciar discussões públicas ou amplificar mensagens específicas. Segundo Ferrara et al. (2016), os *social bots* são contas automatizadas nas redes sociais que imitam o comportamento humano e interagem com outros usuários, amplificando mensagens específicas. Esses *bots* começaram a se tornar uma ferramenta amplamente utilizada na política em diversos países, inclusive no Brasil. O uso de *bots* na política brasileira pode ser rastreado até as eleições de 2014, quando houve os primeiros indícios de campanhas automatizadas visando polarizar o debate eleitoral e influenciar eleitores por meio de mensagens massivas em plataformas como Facebook e Twitter (Bastos & Mercea, 2017). Durante as eleições presidenciais de 2018, observou-se uma explosão no uso de bots para disseminar notícias falsas e discursos de ódio, principalmente por meio de redes privadas como o whatsapp, o que aumentou significativamente o risco de desinformação em massa (Araújo & Santini, 2020).

Já a manipulação da opinião pública por meio desses *bots* tornou-se uma preocupação global. Como observam Woolley e Howard (2016), os *social bots* têm a capacidade de moldar percepções públicas, influenciar resultados eleitorais e até desestabilizar regimes democráticos. Eles operam em escala, disseminando mensagens a uma velocidade e volume que os usuários humanos dificilmente conseguem acompanhar. Essa prática, conhecida como propaganda computacional, é amplamente empregada para moldar debates políticos online, criando uma falsa impressão de apoio popular a certas ideias ou candidatos.

No Brasil, o uso de *social bots* não se limita apenas às eleições presidenciais. Em 2020, uma investigação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) revelou o uso contínuo de *bots* para espalhar *fake news* e atacar adversários políticos em várias eleições estaduais e municipais (TSE, 2024). A situação é agravada pela natureza descentralizada de plataformas como o WhatsApp, onde o monitoramento é mais difícil devido à criptografia ponta a ponta, o que dificulta a identificação de atores maliciosos. Se os *social bots* têm causado grandes danos ao amplificar desinformação, os *deepfakes* elevam esse problema a um novo patamar. *Deepfakes* são vídeos ou áudios gerados por inteligência artificial que podem replicar com precisão a aparência e a voz de pessoas reais, muitas vezes colocando-as em situações fabricadas.

Essa tecnologia se tornou popular em 2017, com os primeiros vídeos falsos surgindo na internet, criando preocupação entre especialistas sobre seu potencial uso para desinformação política

(Chesney & Citron, 2019). A combinação de *social bots* e *deepfakes* é uma preocupação ainda mais séria. Os *bots* podem amplificar conteúdos falsificados por *deepfakes*, espalhando-os rapidamente e criando um ambiente de desinformação generalizada (Bernardo & Lima, 2021). Isso foi observado nas eleições brasileiras, onde vídeos manipulados por IA foram distribuídos de forma coordenada por *bots*, atingindo milhões de usuários em questão de horas (Araújo & Santini, 2020). Essa sinergia entre tecnologias cria um ciclo de desinformação perigoso, onde conteúdos manipulados são validados e disseminados de maneira automatizada. Neste ponto, torna-se pertinente recorrer à literatura para refletir sobre os efeitos psicossociais dessa distorção contínua da realidade, sobretudo a partir da obra "O Processo", de Franz Kafka.

Essa lógica kafkiana de culpa sem clareza, de juízo sem defesa, encontra paralelo direto no ambiente digital polarizado criado por *fake news* e *bots*, em que cidadãos se veem imersos em julgamentos públicos arbitrários, acusações infundadas e verdades manipuladas, muitas vezes sem qualquer possibilidade de se defender.

Assim como Josef K. vive a alienação e a corrosão da confiança nas instituições, a população brasileira, exposta diariamente à desinformação coordenada, experimenta um sentimento de insegurança informacional e de confusão quanto à realidade factual. O uso sistemático de tecnologias de manipulação de opinião pública — como estratégia política — recria o ambiente de opressão simbólica, desorientação e impotência descrito por Kafka. Nessa perspectiva, a obra "O Processo" torna-se um espelho alegórico das dinâmicas sociopolíticas brasileiras, onde a verdade se dissolve e a opinião pública é moldada por forças invisíveis e algoritmicamente programadas para confundir, acusar e dividir.

Além de "O Processo", a obra "A Metamorfose" também oferece uma chave interpretativa relevante para compreender os impactos subjetivos e identitários dessa nova ordem informacional. Gregor Samsa, o protagonista de "A Metamorfose", acorda um dia transformado em um inseto monstruoso, experimentando um processo de desumanização progressiva e um esvaziamento da sua identidade social e familiar. De forma análoga, na era da desinformação, os sujeitos tornam-se vítimas de um processo de metamorfose simbólica: sua imagem pública, construída e projetada nas redes sociais, pode ser manipulada, falsificada e desfigurada, independentemente de sua vontade ou controle.

Nesse ambiente, os indivíduos são constantemente reduzidos a avatares manipuláveis, passíveis de metamorfoses digitais impostas por *deepfakes* e disseminadas por *bots*, muitas vezes sem que percebam o processo que se opera sobre eles. Tal como Gregor Samsa é progressivamente excluído e rejeitado por sua família e pela sociedade, a vítima de uma campanha de desinformação pode sofrer isolamento social, danos reputacionais e a perda de sua identidade pública, transformando-se, simbolicamente, em um "inseto" perante a opinião pública.

De maneira ainda mais grave, a alienação provocada por essa dinâmica de manipulação midiática leva parte significativa da população a acreditar em soluções políticas autoritárias, como a defesa de golpes de Estado ou intervenções militares, como se fossem saídas legítimas para os problemas sociais do país. Esse fenômeno é claramente observado no Brasil contemporâneo, onde manifestações públicas em defesa de uma ruptura institucional foram alimentadas por campanhas de desinformação, que distorcem fatos históricos, minimizam as consequências das ditaduras e exaltam soluções autoritárias como respostas aos desafios sociais.

Kafka, ao descrever a alienação existencial de Josef K. e de Gregor Samsa, nos ajuda a compreender como indivíduos submetidos a sistemas opacos, arbitrários e ininteligíveis acabam por internalizar valores que reforçam sua própria submissão e aceitam, resignadamente, ou até com entusiasmo, a erosão de seus direitos e garantias. Assim como Josef K. aceita passivamente o seu julgamento e Gregor Samsa resigna-se à sua condição de "monstro" social, parte da sociedade brasileira, alienada pela avalanche de informações manipuladas, acaba por aceitar — e até desejar — soluções que aprofundam a sua própria exclusão política e social. A alienação, nesse sentido, não é apenas psicológica, mas política: uma incapacidade coletiva de compreender as causas estruturais dos problemas sociais e de resistir às narrativas simplificadoras e autoritárias disseminadas por meio das tecnologias de manipulação informacional.

As obras de Kafka, "O Processo" e "A Metamorfose", oferecem metáforas aliantes para compreender os efeitos políticos da desinformação contemporânea, especialmente no Brasil. A manipulação tecnológica, por meio de *deepfakes* e social *bots*, esvazia identidades, enfraquece instituições democráticas e estimula soluções autoritárias, transformando a esfera pública em um ambiente de medo, confusão e incerteza. Assim como os personagens kafkianos se submetem a sistemas opacos e arbitrários, a sociedade, alienada pela desinformação, aceita passivamente ou até deseja respostas políticas que aprofundam sua própria exclusão e fragilização democrática. Vejamos a evolução das *deepfakes* e dos social *bots* ao longo dos anos:

Quadro 1 - Evolução Global das DeepFakes na Política (2014-2022)

Ano	Evolução Tecnológica / Acontecimento	Evento
2014	Surgimento do termo " <i>deep learning</i> " aplicado a imagens	Avanços no uso de redes neurais convolucionais (CNNs) para gerar imagens e vídeos sintéticos, base para o desenvolvimento dos <i>deepfakes</i> .
2017	Popularização dos <i>deepfakes</i>	Usuários de fóruns como Reddit começam a compartilhar vídeos manipulados utilizando técnicas de face-swapping com inteligência artificial. O termo " <i>deepfake</i> " surge.
2018	Desenvolvimento de ferramentas acessíveis	Lançamento de aplicativos como <i>FakeApp</i> , que permitem a criação de <i>deepfakes</i> sem necessidade de conhecimento técnico avançado, aumentando sua disseminação.
2019	Primeiros casos políticos de <i>deepfakes</i>	Surgem vídeos manipulados de políticos como Nancy Pelosi, que apesar de não serem <i>deepfakes</i> completos, geram preocupação global sobre os impactos na política e na confiança pública.
2020	<i>Deepfakes</i> como ameaça eleitoral.	Relatórios apontam o uso de <i>deepfakes</i> em campanhas de desinformação durante processos eleitorais em países como Taiwan e Brasil. No Brasil, surgem casos de vídeos manipulados com fins políticos.
2021	Aperfeiçoamento das tecnologias GANs (Redes Generativas Adversárias).	<i>Deepfakes</i> se tornam mais realistas, difíceis de detectar até mesmo por especialistas. A indústria cinematográfica começa a utilizar oficialmente <i>deepfakes</i> em produções comerciais.
2022	Início de regulamentações e legislações.	Países como China e Estados Unidos começam a propor leis específicas
2023	Explosão de uso em fraudes financeiras e sextortion.	<i>Deepfakes</i> são utilizados para fraudes de identidade em bancos, clonagem de voz para golpes e casos de "sextortion" — chantagem com vídeos falsos de natureza íntima, causando danos sociais e psicológicos.
2024	Adoção massiva de IA generativa para produção audiovisual.	Softwares comerciais integram funcionalidades de <i>deepfake</i> para personalização de marketing, entretenimento e educação, ao mesmo tempo em que surgem mecanismos avançados de detecção baseados em blockchain e IA forense.
2025	Consolidação de políticas globais e desenvolvimento de contramedidas éticas.	Organismos multilaterais como ONU e UE estabelecem diretrizes internacionais para o uso responsável de <i>deepfakes</i> . Simultaneamente, surgem ferramentas <i>open-source</i> que marcam automaticamente conteúdos sintéticos, promovendo maior transparência.

Quadro 2 - Evolução Global dos Social Boots na Política (2010-2025)

Ano	Evolução Tecnológica / Acontecimento	Eventos
2010	Primeiras experiências com <i>social bots</i> .	Início do uso de perfis automatizados em redes sociais como Twitter e Facebook, principalmente para gerar curtidas, seguidores e engajamento artificial.
2012	Operações coordenadas para manipulação política.	Primeiras denúncias sobre o uso coordenado de <i>social bots</i> em processos eleitorais, principalmente na Rússia e no Oriente Médio, para espalhar propaganda e desinformação.
2014	Avanço em Processamento de Linguagem Natural (NLP).	Desenvolvimento de algoritmos mais sofisticados permite aos <i>bots</i> manterem diálogos simples e interagirem de maneira mais convincente com usuários humanos.
2016	Caso paradigmático: Eleições dos EUA.	<i>Social bots</i> são utilizados massivamente para influenciar o debate público, promovendo desinformação e polarização. Relatórios indicam forte atuação de bots russos.
2017	Expansão global do uso político.	Eleições na França, Alemanha e Brasil são marcadas pelo uso de exércitos de <i>social bots</i> para manipular a opinião pública e espalhar <i>fake news</i> .
2018	Comercialização em larga escala.	Popularização de serviços pagos para aluguel de <i>bots</i> , tornando a automação de campanhas de desinformação mais acessível a grupos políticos e comerciais.
2019	<i>Bots</i> hiper-realistas com apoio de IA.	Integração de perfis falsos com fotos geradas por Inteligência Artificial (GANs) e uso de textos automatizados avançados, dificultando a detecção pelos usuários e plataformas.
2020	Pandemia da COVID-19.	<i>Social bots</i> são amplamente utilizados para espalhar teorias conspiratórias, desinformação sobre vacinas e medidas sanitárias, afetando políticas públicas e confiança social.
2021	Melhoria dos sistemas de detecção.	Plataformas como Twitter e Facebook desenvolvem ferramentas mais sofisticadas para identificar e remover redes de <i>bots</i> , mas a capacidade de evasão dos bots também evolui.
2022	Uso estratégico em conflitos internacionais.	<i>Social bots</i> são empregados em campanhas de desinformação relacionadas a conflitos geopolíticos, como a guerra entre Rússia e Ucrânia.
2023	Consolidação como arma cibernética.	Relatórios de órgãos internacionais, como ONU e União Europeia, reconhecem os <i>social bots</i> como instrumentos de guerra de informação, com impacto direto sobre processos democráticos e coesão social.
2024	Emergência de <i>bots</i> autônomos com IA generativa.	Avanço de modelos generativos, como GPT e outros, permite que <i>social bots</i> atuem de forma autônoma, criando conteúdos em tempo real, interagindo em múltiplas plataformas e realizando campanhas complexas de manipulação.
2025	Regulação internacional e ética digital.	Diversos países e organismos multilaterais implementam leis e diretrizes para regulamentar o uso de <i>social bots</i> , visando proteger eleições, combater a desinformação e fortalecer a integridade digital e democrática.

A evolução paralela das tecnologias de *deepfakes* e *social bots* na política global, conforme evidenciado nos quadros apresentados, revela um panorama de transformação profunda nas dinâmicas de comunicação, participação e percepção política na sociedade contemporânea, especialmente no Brasil. Ambas as tecnologias passaram de experimentações isoladas e rudimentares para sistemas sofisticados de manipulação informacional, que impactam diretamente os processos democráticos, a confiança pública e as estruturas institucionais. No caso dos *deepfakes*, observa-se, desde 2014, uma trajetória marcada pela democratização do acesso a ferramentas de síntese audiovisual, culminando na integração massiva de tecnologias generativas e na preocupação global com regulamentação e contramedidas éticas a partir de 2025. A capacidade de produzir conteúdo hiper-realistas, indistinguíveis da realidade, rompe as fronteiras entre o verdadeiro e o falso, instaurando um ambiente de incerteza radical sobre a autenticidade das informações consumidas pela população, asseguram Teixeira e Ferreira (2014).

Simultaneamente, a trajetória dos *social bots* evoluiu de perfis automatizados simples, utilizados para gerar métricas artificiais de popularidade, para sistemas autônomos e inteligentes, capazes de interagir, persuadir e moldar narrativas políticas de maneira altamente estratégica. A consagração dos *social bots* como instrumentos de guerra de informação e sua integração em conflitos geopolíticos e campanhas eleitorais ilustram seu impacto direto na formação da opinião pública e na fragmentação social. Essa transformação técnica e social das tecnologias de desinformação produz efeitos que evocam fortemente a metáfora da “sociedade de Kafka”. Tal como ocorre em “O Processo”, em que o protagonista Josef K. é absorvido por um sistema opaco, despersonalizado e inescapável, os cidadãos contemporâneos se veem imersos em fluxos de informação cuja origem, intencionalidade e veracidade se tornam cada vez mais indiscerníveis. O sentimento de impotência frente a um aparato tecnológico invisível, que molda percepções e decisões, reflete o mesmo estado de alienação e angústia existencial característico da obra kafkiana.

Por outro lado, a metáfora de “A Metamorfose” se manifesta na mutação identitária da própria esfera pública e na metamorfose do sujeito político contemporâneo, que, ao ser exposto incessantemente a narrativas manipuladas e conteúdos fabricados, sofre uma desumanização simbólica. Assim como Gregor Samsa desperta transformado em um ser monstruoso, incapaz de estabelecer comunicação significativa, o cidadão atual experimenta a erosão de sua capacidade de discernir o real do falso, sendo gradualmente excluído de processos decisórios autênticos e transparentes.

A confluência entre *deepfakes* e *social bots*, sobretudo em contextos políticos como as eleições brasileiras de 2018, 2022 e a projeção para 2026, exacerba essa lógica kafkiana de desorientação, despersonalização e desconfiança institucional. As tecnologias, ao mesmo tempo em que potencializam a participação política via novos meios digitais, instauram um ambiente de vigilância, controle e manipulação invisível, remetendo à ideia de um sistema burocrático e autorreferencial que governa silenciosamente, tal como as instituições opacas descritas em Kafka.

Em síntese, a sociedade contemporânea, marcada pela proliferação e aperfeiçoamento das tecnologias de desinformação, aproxima-se da configuração distópica e existencialmente angustiante presente nas obras de Kafka, na qual o sujeito é tragado por processos que não compreende plenamente, perdendo sua autonomia e sua confiança na estrutura social. Esta correlação evidencia a urgência de políticas públicas, regulamentações e práticas educacionais voltadas ao fortalecimento da cidadania digital, da alfabetização midiática e da integridade democrática. A sociedade kafkiana, caracterizada por sistemas opacos, burocráticos e impessoais, encontra paralelismo direto com o ambiente tecnológico atual, e é nesse sentido que confirmamos algumas correlações:

Quadro 3 - Elementos Kafkianos e os Correlatos Tecnológicos Contemporâneos

Elementos Kafkianos	Correlatos Tecnológicos Contemporâneos
Sistema opaco e incontrolável	Algoritmos invisíveis que controlam a difusão de informações
Alienação e despersonalização	Interações com <i>bots</i> e conteúdos sintéticos (<i>deepfakes</i>)
Burocracia incompreensível	Sistemas automatizados de disseminação e regulação de conteúdo
Desumanização	Manipulação de emoções por conteúdos automatizados e sintéticos

Em justaposição, como Josef K. enfrenta uma estrutura burocrática que o condena sem explicação, o cidadão contemporâneo é impactado por sistemas algorítmicos que operam à revelia de sua compreensão ou consentimento. Na prática, a sociedade brasileira apresenta características estruturais que a tornam especialmente vulnerável aos efeitos das tecnologias de *social bots* e *deepfakes*, tais como: a) Os baixos índices de letramento midiático; b) A dificuldade da população em reconhecer e resistir à manipulação informacional; c) A expressiva influência das redes sociais na formação da opinião pública; d) A amplificação dos efeitos de campanhas automatizadas; e) A polarização política e emocional: Facilita a instrumentalização de emoções como medo, indignação e ódio, e, face a tais particularidades, a erosão da credibilidade pública, insegurança, danos reputacionais, seja no âmbito “*ad personam*”, seja para uma proposta política partidária.

Deste modo, o quadro em voga gera um ambiente de insegurança epistêmica, no qual o cidadão não confia, nas informações que recebe, nem nas instituições que deveriam protegê-lo, fenômeno característico da sociedade kafkiana, onde a incerteza e o medo prevalecem. “*De que maneira o desenvolvimento técnico de social bots, fake news e deepfakes influencia as dinâmicas sociais contemporâneas, aproximando-as da sociedade de controle e alienação descrita nas obras de Franz Kafka?*”

Quadro 4 – Social Boots e a Sociedade de Kafka

Elemento	Descrição Técnica	Relação com a Sociedade de Kafka
Social Bots	Programas automatizados que interagem em redes sociais, simulando usuários humanos. Utilizam técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), algoritmos de aprendizado de máquina e automação para publicar, curtir e comentar conteúdos em larga escala.	Representam a impessoalidade e o automatismo das instituições kafkianas, onde indivíduos são manipulados por sistemas opacos e incontroláveis, perdendo autonomia e discernimento.
Fake news	Conteúdos fabricados ou manipulados com o objetivo de desinformar, moldar opiniões ou causar confusão. Utilizam técnicas de edição de imagens e vídeos, algoritmos de disseminação virais e estratégias de <i>microtargeting</i> para alcançar públicos específicos.	Refletem a distorção da realidade e a dificuldade de distinção entre o verdadeiro e o falso, típica da atmosfera kafkiana, em que o indivíduo é prisioneiro de narrativas inverificáveis e arbitrárias.
Interação Social-Midiática	A articulação entre <i>social bots</i> e <i>fake news</i> cria ecossistemas de desinformação, potencializando a polarização política. Plataformas digitais utilizam algoritmos de recomendação que favorecem conteúdos sensacionalistas e divisivos.	Corrobora o ambiente de alienação e paranoia descrito por Kafka, onde a sociedade se torna um simulacro, e o cidadão vive em estado de permanente incerteza, manipulado por forças invisíveis.

Essas tecnologias permitem que esses agentes publiquem mensagens, compartilhem conteúdos, interajam com usuários reais e influenciem debates sociais e políticos em larga escala, muitas vezes sem que os interlocutores percebam tratar-se de perfis automatizados. Por sua vez, as *fake news* são elaboradas por meio de sofisticadas técnicas de manipulação de imagens, vídeos e textos. O uso de *deepfakes*, algoritmos de viralização e ferramentas de *microtargeting*, baseadas na coleta massiva de dados e análise preditiva — facilita a segmentação de públicos e a disseminação estratégica de conteúdos falsos ou distorcidos. Assim, cria-se um ecossistema digital onde a desinformação circula de forma rápida, ampla e, frequentemente, imperceptível, moldando percepções e comportamentos sociais.

A articulação entre *social bots*, *fake news* e *deepfakes* potencializa significativamente os efeitos da desinformação, gerando ambientes de comunicação caracterizados pela hiperpolarização,

radicalização e colapso do debate público racional. Esse fenômeno se manifesta especialmente no contexto político brasileiro, onde campanhas de desinformação, impulsionadas por redes automatizadas, têm influenciado processos eleitorais e moldado a opinião pública.

Essa dinâmica tecnológica e social remete diretamente à concepção de sociedade prevista por Franz Kafka em suas obras. Kafka descreveu, de forma alegórica, sociedades onde os indivíduos são oprimidos por sistemas burocráticos intransponíveis, regidos por normas obscuras e forças invisíveis.

Na "sociedade simulada" de Kafka, a verdade é constantemente subvertida, e o cidadão encontra-se preso em uma rede de informações confusas, inacessíveis e, muitas vezes, contraditórias. Analogamente, no cenário atual, a proliferação das *fake news* e a ação dos *social bots* contribuem para a construção de uma realidade simulada, em que a distinção entre o verdadeiro e o falso torna-se tênue, quando não impossível. Os cidadãos, assim como as personagens kafkianas, sentem-se desorientados, impotentes diante de um sistema que os manipula, julga e condena, sem que possam compreender ou intervir plenamente nesse processo. Desse modo, pode-se afirmar que as tecnologias de desinformação operam como instrumentos contemporâneos de criação da "sociedade simulada" kafkiana, caracterizada pelos delírios da razão, pelo controle invisível e pela erosão das bases racionais e democráticas da convivência social.

A evolução dos *social bots* e *deepfakes* representa não apenas um avanço tecnológico, mas também um novo paradigma sociotécnico, onde a manipulação algorítmica das emoções e percepções humanas configura uma estrutura similar à sociedade proposta por Franz Kafka: complexa, opaca, e muitas vezes, desumanizadora. No contexto brasileiro, marcado por desigualdades e polarização, os efeitos são amplificados, exigindo uma resposta coordenada entre políticas públicas, desenvolvimento tecnológico ético e educação crítica.

4. CONCLUSÃO

Face ao exposto, a presente investigação buscou compreender de que forma a cultura política brasileira é impactada pela integração de tecnologias de desinformação, resultando em dinâmicas sociais que evocam a metáfora da sociedade de Kafka. A partir da análise realizada, é possível afirmar que a manipulação do conhecimento, historicamente presente na formação das opiniões e decisões políticas, alcançou, com as tecnologias digitais, um nível de sofisticação sem precedentes na história, potencializando os efeitos alienantes e opressivos sobre os indivíduos e a sociedade. A articulação entre *social bots*, *fake news* e *deepfakes* configura um ecossistema informacional profundamente marcado pela opacidade, pela manipulação automatizada e pela erosão da confiança nas instituições democráticas presentes. Tais tecnologias não apenas disseminam informações falsas com agilidade e precisão, mas também moldam a percepção pública de maneira sutil e contínua, criando realidades simuladas em que os cidadãos, muitas vezes sem perceber, são guiados por narrativas fabricadas a interesses ocultos.

Esse cenário contemporâneo dialoga diretamente com a metáfora da sociedade kafkiana, na qual os indivíduos vivem sob o controle de sistemas burocráticos e tecnológicos que operam de forma invisível, incompreensível e inescapável. Assim como Josef K., em "O Processo", e Gregor Samsa, em "A Metamorfose", o cidadão brasileiro atual encontra-se submetido a processos de julgamento, exclusão e metamorfose simbólica, resultantes da ação de mecanismos de

desinformação que escapam à sua compreensão e ao seu controle. No Brasil, esse fenômeno manifesta-se de maneira particularmente grave, com a instrumentalização de valores religiosos e morais para legitimar discursos polarizadores e autoritários, alimentando a alienação política e social. A apropriação dessas pautas, combinada com a atuação de tecnologias de desinformação, favorece a construção de uma sociedade caracterizada pela desconfiança generalizada, pela fragmentação social e pelo enfraquecimento do debate público democrático, resultado em um ambiente de incertezas e de convulsão social, como se fez notório no dia 08 de janeiro de 2023, com a depredação do patrimônio público, em Brasília. Portanto, conclui-se que a cultura política brasileira está sendo profundamente impactada pela integração dessas tecnologias de desinformação, que promovem dinâmicas sociais análogas àquelas descritas por Kafka: um ambiente de insegurança, insânia e manipulação invisível, onde o cidadão é, ao mesmo tempo, objeto e vítima de processos que desconhece e que, paradoxalmente, contribui para alimentar.

Tal constatação evidencia a urgência de políticas públicas e estratégias educacionais voltadas ao fortalecimento da alfabetização midiática e digital, bem como ao desenvolvimento de mecanismos eficazes de regulação e transparência no uso dessas tecnologias, como forma de preservar a integridade democrática e a autonomia cidadã. Diante da consolidação das tecnologias de desinformação, como *social bots*, *fake news* e *deepfakes* no ambiente político brasileiro, é plausível afirmar que seu impacto tende a se intensificar nas eleições de 2026, que possivelmente será fortemente influenciada pelas *big techs* norte americanas. A evolução técnica dessas ferramentas, aliada à falta de uma regulação suficientemente robusta e à baixa alfabetização midiática da população, cria um cenário propício para a continuidade e o aprofundamento das práticas de manipulação informacional. As eleições de 2026, isto posto, correm o risco de serem marcadas por um ambiente ainda mais polarizado e permeado por campanhas desinformativas altamente sofisticadas, capazes de comprometer a integridade do processo eleitoral e influenciar diretamente o comportamento dos eleitores.

A utilização massiva de *social bots* para impulsionar narrativas polarizadoras, a proliferação de *fake news* estrategicamente desenhadas para mobilizar emocionalmente grupos específicos, bem como o emprego de *deepfakes* para criar conteúdos audiovisuais convincentes, podem intensificar a desorientação informacional e dificultar a tomada de decisões políticas conscientes. Além disso, a experiência acumulada em processos eleitorais recentes indica que essas tecnologias serão, muito provavelmente, aperfeiçoadas e integradas a novas estratégias de campanha, inclusive com o uso de inteligência artificial generativa para criar conteúdo personalizado de manipulação em larga escala.

Por conseguinte, a metáfora kafkiana da sociedade opressiva e incompreensível configura-se como uma ferramenta analítica pertinente para a compreensão da alienação política no Brasil contemporâneo, caracterizada pela crescente dificuldade dos cidadãos em identificar fontes informacionais confiáveis e pela sensação de impotência frente a sistemas automatizados, hiatos de credibilidade e algoritmicamente mediados. Este quadro favorece a intensificação de processos de manipulação informacional no ambiente eleitoral, tornando as eleições de 2026 suscetíveis à atuação de ecossistemas digitais orientados por desinformação e manipulação psicológica em larga escala, conforme evidenciado em epígrafe. Tal vulnerabilidade é potencializada pela ausência de um arcabouço regulatório eficaz que discipline as práticas das plataformas digitais, assegure a responsabilização de agentes propagadores de conteúdos desinformativos e promova políticas

públicas voltadas ao desenvolvimento de competências informacionais e de pensamento crítico entre os eleitores.

Em paralelo, observa-se à intensificação de dinâmicas geopolíticas complexas, nas quais corporações transnacionais de tecnologia, com destaque para as *big techs* estadunidenses, atuam como vetores de interesses políticos e econômicos externos, ansiando influenciar decisões judiciais e políticas internas do país (fluxo de debate vigente em tela). Tal fenômeno, associado à erosão da soberania nacional e à consolidação de formas atuais de colonialismo de dados, contribui para à alienação política da população brasileira, que passa a naturalizar à interferência estrangeira na tentativa reformulação de decisões institucionais. Diante desse cenário, impõe-se como imperativo o aprofundamento de investigações acadêmicas nesse campo e a formulação de políticas públicas orientadas à proteção da democracia, à promoção de processos eleitorais íntegros e à reconstrução da confiança pública em um contexto marcado pela crescente complexificação dos fluxos de desinformação e pela expansão do poder extraterritorial das plataformas digitais.

Em síntese, quando um político eleva a voz e convoca a máxima “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, parece evocar um poder bíblico via QR Code — um acesso instantâneo, seletivo e artificialmente legitimado a uma verdade criptografada, digitalizada e ideologicamente enviesada. Tal apropriação sugere que a revelação sagrada pode ser descarregada por quem escaneia o mundo com os filtros calibrados por suas próprias conveniências cognitivas. A metáfora escancara à ironia: um versículo milenar, imbuído de densidade teológica e potência espiritual, é transmutado em senha de acesso para narrativas corrosivas, nas quais a verdade não mais emancipa, mas enclausura, não ilumina, mas obscurece a lógica e embota o discernimento coletivo.

Esgotado de sua essência, o versículo torna-se um lacre ideológico, armazenado em servidores saturados por uma obesidade informacional que corrompe à integridade dos dados e distorce o sentido original do sagrado. Nesse cenário simbólico, a verdade já não liberta: autêntica bolhas, valida delírios, e transforma o espaço público em um campo de batalha retórico. O QR Code, aqui, não remete ao evangelho, mas ao evangelismo político, uma instrumentalização do sagrado a serviço da dicotomia rasa entre amarelo e vermelho. A Escritura, nesse contexto, converte-se em invólucro de uma ideologia manufaturada, onde o antagonismo “nós contra eles” se impõe como dogma.

Diante da ascensão de uma fé Wi-Fi - volátil, performativa e algoritmicamente domesticada, torna-se urgente reafirmar os pilares do Estado Democrático de Direito. Neste culto de superfície, onde a devoção é encenada sob a lógica do espetáculo e a verdade se curva ao índice de engajamento, o sagrado se converte em ferramenta de manipulação, e a crença, antes íntima e transcendental, transforma-se em moeda de influência digital. Uma fé pronunciada em sotaque colonizado - “*In God We Trust*”- o mesmo que produz desemprego, dilui à esperança e amplia às desigualdades.

Nesse cenário, o Estado Democrático de Direito emerge como o último reduto do real, não aquele encenado por filtros do Instagram ou impulsionado por hashtags da rede X, mas a sobriedade que ancora o consenso, promove o debate e protege o cidadão da tirania que veste o terno da virtude. Ao contrário da dialética kafkiana, que desumaniza, silencia e aliena, mergulhando o sujeito em

um opaco existencial, o Estado Democrático se funda na transparência, na valorização da singularidade e na atribuição de significado para o reacionário insignificante.

Ele não se conecta por cabo eleitoral, mas por uma consciência cívica em rede, o *bluetooth* da razão pública, capaz de transmitir, mesmo em meio ao ruído digital, os sinais da convivência democrática. E é nessa conexão invisível, porém firme, que repousa a promessa de um país do futuro, construído no diálogo, sustentado pela pluralidade e guiado por uma responsabilidade democrática que recusa o absurdo e reivindica o sentido para as eleições de 2026.

REFERÊNCIAS

- Araújo, Isabela, Santini, R. (2020). O uso de bots e fake news nas eleições brasileiras de 2018. *Revista Brasileira de Ciência Política*, vol. 33, p. 123-148, 2020.
- Bastos, M., Mercer, D. (2017). The Brexit botnet and user-generated hyperpartisan news. *Social Science Computer Review*, vol. 35, n. 4, p. 480-499, 2017.
- Baylis, M. (2018). The social bot phenomenon: A review of social media manipulation. *Social Media Studies*, vol. 10, n. 2, p. 115-130, 2018.
- Bernandes, M., Alves, R. (2021). Impacto das deepfakes na comunicação política contemporânea. *Revista Eletrônica de Comunicação e Inovação*, vol. 12, n. 3, p. 89-104, 2021.
- Collet, D. (2017). Understanding social bots: How automated accounts are influencing online discourse. *Media and Communication Review*, vol. 19, n. 3, p. 45-58, 2017.
- Chesney, R., Citron, D. (2019). Deepfakes and the new disinformation war: The coming age of post-truth geopolitics *Foreign Affairs*, vol. 98, n. 1, p. 147-155, 2019.
- Choi, J. K. (2021). The rise of deepfakes: A new challenge to digital media. *Journal of Digital Media*, vol. 22, n. 1, p. 75-90, 2021.
- Ferrara, E., Varol, O., Davis, C. A. Menczer, F., Flammini, A. (2016). The rise of social bots. *Communications of the ACM*, vol. 59, n. 7, p. 96-104, 2016.
- Nascimento, R. A., Teixeira, M. M., Aquino, C. D. (2018). *As fake news no letramento digital: Da propaganda enganosa à leitura crítica das mídias: Um estudo empírico descritivo*. Munich: Gren Verlag.
- Silva, J., Lima, M. (2021a). Desinformação política no Brasil: O uso de deepfakes para manipulação eleitoral. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, vol. 15, n. 3, p. 212-225, 2021.
- Silva, M., Lima, J. (2021b). Fake news nas eleições brasileiras: A manipulação de figuras públicas. *Revista Brasileira de Estudos Digitais*, vol. 3, n. 7, p. 102-118, 2021.
- Souza, A. (2022). DeepFakes and democracy: Analyzing the impact on brazilian politics. *Brazilian Journal of Communication*, vol. 16, n. 4, p. 33-47, 2022.
- Schopenhauer, A., Ludwig, B. (2016). *Die welt als wille und vorstellung*. Sydney: Wentworth Press.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Relatório sobre o uso de social bots nas eleições de 2020. Brasília: TSE, 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br>. Acesso em: 22 jan. 2025.
- Woolley, S., Howard, P. N. (2016). Political communication, computational propaganda, and autonomous agents – Introduction. *International Journal of Communication*, vol. 10, p. 4882–4890, 2016.
- Teixeira, M. M., Ferreira, T. E. (2014). *The communication model of virtual universe: Multipolarity, ICT, cyberculture, education and media manipulation*. Munich: Gren Verlag.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Conflito de interesses: nada a declarar. **Financiamento:** nada a declarar. **Revisão por pares:** Dupla revisão anónima por pares.



Todo o conteúdo da [e³ – Revista de Economia, Empresas e Empreendedores na CPLP](#) é licenciado sob *Creative Commons*, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.